



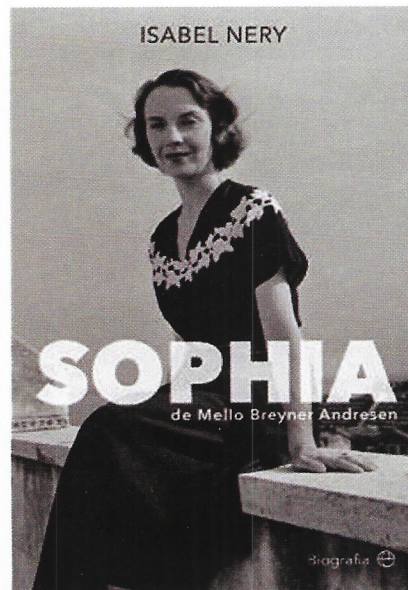
que o produto final acabe por ser uma peça de Jornalismo Literário, género tão pouco praticado entre nós, a cuja investigação a autora tem vindo a dedicar-se.

O livro percorre, como não podia deixar de ser, os lugares da vida da Sophia – mesmo os que ela nunca visitou, como a longínqua ilha de Föhr, de onde partiu o seu bisavô para a aventura marítima que haveria de inaugurar no Porto a dinastia Andresen. Por mais que tente reproduzir o que sentiu quando por lá passou, esses lugares adquirem tonalidades diferentes, porque vistos por outros olhos. Daí que, a cada passo, seja aos textos da poeta – sempre poeta, nunca poetisa, para manter a fidelidade ao que ela preconizava – que a autora vai buscar traços (auto)biográficos.

Percebe-se que fez um trabalho árduo e minucioso para aqui chegar. E salta à vista que tem da vasta obra da biografada um profundo conhecimento. “Sophia deixou-nos contos para crianças e textos para adultos que legam uma ética, um código de conduta (o bem sobre o mal; o justo sobre o injusto; a aristocracia para todos sobre a pobreza). Como não reconhecer a atualidade da sua obra em pleno século XXI?”, escreve.

Isabel Nery assume que nunca conheceu pessoalmente Sophia de Mello Breyner Andresen, nem nas suas deambulações de jornalista com anos no batente. Porém, abraçou este empreendimento, para assinalar os 100 anos sobre o nascimento, com o arrojo de repórter. Logo a abrir, afirma que “uma biografia rigorosa não pode deixar-se cegar pela aura que rodeia o biografado”. Não se trata de uma observação gratuita. Na realidade, constitui uma espécie de compromisso. E, em simultâneo, um subtil pedido aos leitores para verificarem se o cumpre.

Pelo menos que se note, não se vislumbra no livro a mais



O livro percorre, como não podia deixar de ser, os lugares da vida da Sophia – mesmo os que ela nunca visitou, como a longínqua ilha de Föhr, de onde partiu o seu bisavô para a aventura marítima que haveria de inaugurar no Porto a dinastia Andresen

pequena preocupação de expurgar da narrativa defeitos suscetíveis de toldar o mito imortalizado no Panteão Nacional, consumando “o milagre de não estar no sistema, mas poder representar o sistema, a democracia e a liberdade”, como observa José Manuel dos Santos.

Lá está a passagem pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sem resultados que se vissem – com documentação comprovativa, Isabel Nery apresenta uma estudante de Filologia Clássica com notas sofríveis, que nem o curso terminou, simplesmente porque já era rebelde e já odiava levantar-se cedo.

Lá está uma intelectual sem paciência para o politicamente

correto, que nos tempos quentes do PREC alinha numa discussão de horas, madrugada dentro, sobre o conteúdo de uma moção do PS, mas enfurece toda a gente, ao recusar-se a assiná-la, à última hora, porque, na versão de Vasco Pulido Valente, “não queria nada que pudesse parecer de direita”.

Lá está uma mulher dada, para sermos benignos, a excessos de sinceridade, que despejava nos amigos sem cuidar de saber se caíam mal. Como quando Miguel Torga lhe confidenciou que queria escrever um poema sobre ela e ouviu uma resposta lancinante: “Logo agora que está a escrever tão mal?”.

É assim que a autora desnuda a Sophia que está para lá da obra, como cumpre a um biógrafo. A poeta que também escreveu para as crianças – para os seus filhos, desde logo, primeiros leitores, convocados a ajudar na criação de enredos. A aristocrata arrastada para o lado esquerdo da política, que combateu o regime salazarista também com a arma da escrita, com ficha na PIDE e um par de interrogatórios, mas poupada à prisão, ao contrário do marido, Francisco Sousa Tavares. A católica que ao envolver-se em vigílias contra a guerra colonial terá chocado muito boa gente – “os utilizadores da Igreja beata e obediente aos poderes estabelecidos terão, provavelmente, dificuldade em encontrar coerência no catolicismo e no espírito insurgente de Sophia”, avalia Isabel Nery. A deputada constituinte que teve de saborear a política ativa para não voltar a consumi-la, ao tomar consciência de que a escrita era a sua forma de participar politicamente. A mulher orgulhosa, porventura egocêntrica, indisponível para o perdão, que não compareceu no funeral do homem de quem se divorciou após quatro décadas de casamento. ■

Sophia de Mello Breyner Andresen

ISABEL NERY

A Esfera dos Livros, 2019

Paulo Martins

O género biográfico é tão difícil de concretizar quanto desafiador. Ao convocar memórias que o tempo sempre refaz, tende a percorrer o estreito trilho entre a realidade e ficção. A “Sophia” de Isabel Nery parece ter encontrado o justo equilíbrio, graças à fórmula que designa de “reportagem biográfica”. Se é reportagem, consente a (re)construção do real na condição de o respeitar. Daí